



EQUADOR / Policiais entraram no prédio, em Quito, e capturaram o ex-vice-presidente Jorge Glas, após concessão de asilo. Presidente mexicano rompe relações diplomáticas, e Nicarágua toma mesma medida. Brasil alerta para “grave precedente”

Invasão à embaixada do México detona crise



stefanlorenzofoto/foto

» RODRIGO CRAVEIRO

Uma operação da polícia do Equador para prender o ex-vice-presidente Jorge Glas na Embaixada do México, em Quito, levou o governo mexicano a cortar relações diplomáticas com o país, deflagrou uma onda de condenações por toda a América Latina e motivou a convocação de uma reunião por parte da Organização dos Estados Americanos (OEA). O Brasil alertou sobre um “grave precedente”. Em solidariedade ao México, a Nicarágua anunciou a ruptura de todas as relações com o Equador, após chamar a ação de “inusitada” e “condenável”.

Glas, que foi vice de Rafael Correa e de Lenín Moreno, estava refugiado na embaixada desde 17 de dezembro passado. Em 2017, foi condenado a seis anos de prisão por associação ilícita no âmbito do caso Odebrecht — a empreiteira brasileira teria pago cerca de US\$ 33,5 milhões de propina a funcionários do Equador entre 2007 e 2016. Em 2020, recebeu pena extra de oito anos por suborno agravado. Cumpriu quatro anos e meio de prisão e foi beneficiado com a liberdade provisória.

Por volta das 21h de sexta-feira (23h em Brasília), a chanceler mexicana, Alicia Bárcena, anunciou a concessão de asilo a Glas. “Confio que o governo do Equador lhe dará salvoconduto o quanto antes.” Às 22h20 (hora local), os policiais de Quito invadiram a embaixada, capturaram Glas e imobilizaram Roberto Canseco, chefe de Chancelaria e Assuntos Políticos da representação mexicana.

Bárcena avisou a López Obrador sobre a invasão, e, pouco depois das 23h30 (hora local), anunciou a ruptura de relações. A chanceler denunciou Quito à Corte Internacional de Justiça, à Organização das

Nações Unidas (ONU) e à Organização dos Estados Americanos (OEA).

A Presidência do Equador justificou a prisão de Glas e ressaltou que “toda embaixada tem apenas uma finalidade: servir de espaço diplomático para estreitar as relações entre países”. “Nenhum delinquente pode ser considerado um perseguido político. Glas foi condenado (...) e contava com mandado de captura.”

O governo de Daniel Noboa insistiu que Glas abusou das imunidades e dos privilégios concedidos pela missão diplomática mexicana. Também sublinhou que o Equador é um país soberano e não permitirá a impunidade para um “delinquente”. Às 10h15 de ontem (12h15 em Brasília), Glas deu entrada no Centro de Privação de Liberdade (CPL) Guayas, mais conhecido como La Roca (A Rocha), em Guayaquil.

A Secretaria Geral da OEA repudiou qualquer ação que viole ou coloque em risco a inviolabilidade dos locais das missões diplomáticas e reiterou a obrigação de todos os Estados de não invocarem normas de direito interno para justificar o descumprimento de suas obrigações internacionais. Além de chamar a um diálogo entre as partes, o órgão destacou a necessidade de uma urgente reunião de seu Consejo Permanente para abordar a crise.

“Clara violação”

No fim da manhã de ontem, o Brasil divulgou nota em que “condena, nos mais firmes termos, a ação empreendida por forças policiais equatorianas na Embaixada mexicana, em Quito”. “A ação constitui clara violação à Convenção Americana sobre Asilo Diplomático e à Convenção de Viena sobre Relações Diplomáticas que, em seu artigo 22, dispõe que os locais de uma missão diplomática

Condenação unânime

Argentina

Até o fechamento desta edição, o presidente Javier Milei mantém silêncio. O Ministério das Relações Exteriores divulgou nota em que afirma se unir aos países da região na condenação à invasão da embaixada. O governo Milei também convocou o Equador à plena observância das disposições da Convenção sobre Asilo Diplomático de 1954.

Chile

Gabriel Boric, presidente do Chile, expressou “toda a solidariedade com o México ante a inaceitável violação de sua soberania”. “Um abraço fraterno, Andrés Manuel López Obrador”, escreveu na rede social X, o antigo Twitter.

Colômbia

“A Convenção de Viena foi quebrada, assim como a soberania do México no Equador”, escreveu o presidente Gustavo Petro. “Volto a insistir que a América Latina e o Caribe, quaisquer que sejam as construções sociais e políticas em cada país, devem manter vivos os preceitos

do direito internacional em meio à barbárie que avança no mundo e o pacto democrático dentro do continente.”

Cuba

O presidente Miguel Díaz-Canel Bermúdez demonstrou “toda a solidariedade” ao México e classificou a invasão como “inaceitável”. “Todos devem respeitar a Convenção de Viena sobre Relações Diplomáticas, um componente essencial do direito internacional.”

Nicarágua

O governo de Daniel Ortega informou que, “diante da ação inusitada e condenável (...), convertamos em nossa Decisão Soberana de romper todas as relações diplomáticas com o governo equatoriano”.

Venezuela

O presidente Nicolás Maduro denunciou “um ato de barbárie nunca visto na América Latina” e culpou o “governo de direita pró-ianque do Equador”. “A Venezuela levanta sua voz, de forma contundente, para rechaçar esse ato fascista contra o Direito Internacional”.

e López Obrador (México). Esse tipo de violação produziu uma consequência lógica e natural: a ruptura das relações diplomáticas entre México e Equador”, disse ao **Correio**. De acordo com Posada, López Obrador tem se equilibrado em uma política externa errática. “Há pouco tempo, pediu o fim da OEA. Ele terá que recorrer aos fóruns internacionais.”

Carlos Estarellas Velásquez, ex-subsecretário de Relações Exteriores do Equador, explicou ao **Correio** que a crise entre Quito e México está relacionada a uma série de erros. “Tudo começou com López Obrador, ao insinuar sobre a política equatoriana, violando o princípio de não intervenção, básico no direito internacional.” O segundo erro foi a outorga de asilo a Glas. Outro equívoco foi a invasão à embaixada.”

Evasão da Justiça

Mario Pazmiño — ex-chefe de Inteligência do Exército equatoriano — ressaltou que Glas tinha sentença executória e tentou escapar da ação penal refugiando-se na embaixada. “A representação o tratava como hóspede e não lhe deu o status de asilado. Sabia que, se o fizesse, violaria o Acordo de Caracas, segundo o qual nenhuma embaixada pode receber como asilado uma pessoa condenada”, disse à reportagem. “Glas era procurado pela Justiça equatoriana, a qual deseja o cumprimento da pena de oito anos e que seja submetido a mais dois julgamentos.”

A crise entre Equador e México ocorre 10 dias depois de outro imbróglio diplomático, dessa vez entre Bogotá e Buenos Aires. A Colômbia expulsou diplomatas da Argentina após uma série de insultos do presidente argentino, Javier Milei, que chamou seu contraparte colombiano, Gustavo Petro, de “assassino” e “terrorista”.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

PARTIDOS POLÍTICOS PELO MUNDO

São seis os países onde o sistema político concentra em um único partido todo o poder sobre o governo. Historicamente, as duas principais vertentes desse tipo de sistema ocorreram em países fascistas e comunistas. Uma terceira vertente, mais variada, vem de países subdesenvolvidos e teocracias islâmicas.

Na atualidade, regimes oficiais de partido único são os da China, Vietnã, Coreia do Norte, Laos, Cuba e Eritreia. Há ainda uma enormidade de casos de nepotismo autoritário contínuo, um unipartidarismo de fato, especialmente na África.

A mais importante e bem-sucedida experiência de partido único é a do Partido Comunista da China (PCCh). Fundado em 1921, o PCCh comanda o país desde 1949. Com uma profusão de planos e projetos estruturantes, o PCCh desenha uma série de objetivos a serem alcançados até a celebração dos 100 anos de fundação

da República Popular da China em 2049. Por volta da metade da década que vem, a China ocupará o posto de maior economia do mundo em todas as mensurações possíveis. E buscará se estabelecer como país mais influente internacionalmente.

Um exagerado entusiasta da experiência política chinesa, o cientista político Eric Xu Li argumenta que o unipartidarismo sob o PCCh criou a meritocracia partidária que funciona melhor do que as experiências pluripartidárias eleitorais do Ocidente. Li aponta para o rigoroso processo de seleção e treinamento por que passam os burocratas e políticos chineses. E provoca: só a democracia eleitoral dos EUA permite que alguém com o currículo complicado de George W. Bush e inexperiente, como o de Barack Obama, virem presidentes. Na China, teriam dificuldade de serem indicados para chefiar qualquer condado entre os cerca de 1,3 mil existentes no país.

Exageros à parte, é verdade que apesar de clientelismos e favoritismos próprios da dinastia comunista, o PCCh conseguiu instituir um sistema de carreira com méritos na atração, treinamento e promoção de talentos.

O Vietnã é outro Estado comunista de partido único. O país tem visto seu IDH, ainda baixo, convergir ano após ano ao de países como o Brasil. Seu PIB também vem crescendo rapidamente. No momento, seu partido comunista passa por acaloradas disputas internas e ainda não elegeu um novo presidente.

Já na Coreia do Norte, o poder está concentrado de forma dinástica nas mãos da família Kim. É o regime mais disfuncional e totalitário do planeta. Observadores do país afirmam que o atual ditador prepara sua filha, Kim Ju Ae, para sucedê-lo.

Por sua vez, o Laos é um país que sofreu horrores no século 20. Seguramente, o país que mais bombardeios recebeu por habitantes em toda história.

Hoje, os principais cargos políticos são ocupados por Thongloun Sisoulith. A economia está cada vez mais ligada à China, por meio de financiamentos, de investimentos e do comércio.

Aqui na América Latina, Cuba vai se mantendo e se reinventando desde quando as forças do líder Fidel Castro entraram em Havana no início de 1959. Com a morte de Fidel, o poder foi deixando aos poucos as mãos da família Castro. O atual presidente da república, Miguel Díaz-Canel, procura implementar reformas importantes. Se os EUA e Cuba fizessem as pazes, normalizando suas relações, algo fundamental ocorreria no Caribe e teria apoio mundial. Aliás, o que a Assembleia Geral da ONU mais aprova sobre um mesmo tema desde 2016 é a resolução que pede o fim do embargo econômico dos EUA sobre Cuba.

Por fim, a Eritreia, localizada no ora conturbado Chifre da África, é governada pela Frente Popular por Democracia e Justiça, que, por sua vez, é controlada desde sempre por um homem, Isaias Afewerki. O país ganhou sua independência da Etiópia nos anos 1990. De lá para

cá, a região segue bastante instável. Para muitos observadores, um dos conflitos internacionais mais próximos de acontecer seria uma nova guerra da Etiópia com a Eritreia. Uma disputa que, agora, gira em torno do acesso ao Mar Vermelho pela Etiópia, país que não tem região costeira.

A análise feita pelo sociólogo italo-germânico Robert Michels sobre os *Partidos Políticos*, livro publicado em 1911, não perdeu toda a validade. A lei de ferro da inteligência partidária, mesmo nas democracias, lembra muito o funcionamento de oligarquias. Em países presidencialistas ou parlamentaristas, onde a representação dos cidadãos é baseada no multipartidarismo, a prática partidária “reproduz as relações de exploração, de silenciamento e de exclusão que essas organizações combatem na sociedade e no Estado”.

Partidos políticos refletem sociedades partidas. Se partido único é insuportável, partido sem dono é inalcançável. Asfixias do sistema político mundial.

PAULO DELGADO, sociólogo